

## A diferença entre ler e aprender

A experiência de viver na Era da Informação nos traz inúmeras vantagens como viajar "non stop" pelo mundo do conhecimento. Porém, torna-se impossível lembrar-se de tudo o que vemos durante essa viagem.

Sergio Cyrino da Costa\*

Há mais de 2 mil anos, toda a cultura que um cidadão da Grécia Clássica acumulava durante sua vida inteira caberia num jornal de domingo da era atual.

A sede de saber é um atributo humano. O apetite pelo conhecimento e informação se origina na curiosidade da criança sobre sua origem; vem crescendo geometricamente desde a infância da humanidade. O saber transmitido oralmente por um filósofo ou sábio aos seus discípulos era muito difícil de ser guardado, catalogado. Os papiros, as pedras, o trabalho persistente dos monges copistas, nos transmitem uma versão distante da história daqueles tempos remotos.

A obsessão pelo conhecimento estimula a necessidade de mudança que existe em cada um de nós, para nos mantermos vivos como indivíduos e como espécie, descobrindo e transmitindo antes de morreremos. Estagnação é sinônimo de morte, de marasmo, de apatia.

Da tribo selvagem às universidades, pontifica a figura idealizada do sábio, o dono do saber. "Só sei que nada sei", dizia Sócrates. Isto quer dizer que a busca pelo saber não termina nunca. A maior sabedoria consistia em reconhecer que o saber era uma estrada da qual não se via o fim. A boa teoria é aquela que pode ser contestada, levando a novas respostas por meio da pesquisa e discussão.

Os debates públicos sempre fizeram muito sucesso com os contendores procurando surpreender um ao outro por meio de informações inéditas.

### **Babel de ofertas**

Há alguns anos, o saber, que estava confinado a poucos afortunados frequentadores de bibliotecas e livrarias, ganhou as ruas por algumas publicações traduzidas, em bancas de jornal. Um pequeno número de revistas deu lugar a uma verdadeira explosão de imagens, termos científicos elaborados, curiosidades, literatura, desde física quântica até criação de cachorros e lutas marciais.

Se um viajante do tempo entrasse hoje na banca da esquina, não iria acreditar que aquela barraca onde comprava suas revistas e fascículos se transformou numa babel de ofertas.

Os fascículos semanais tinham um efeito curioso sobre o psiquismo do leitor: fazer que ele se imaginasse um bibliófilo, um imortal, cercado de volumes em que beberia na cultura completa do mundo. Ressalte-se aqui a palavra "completa". O formato atual traz justamente a ideia de um saber infinito, oceânico.

Os antigos programas de perguntas da TV, como O céu é o limite e Absolutamente certo, prometiam fortunas aos candidatos que se especializavam em determinados campos do conhecimento, devorando todo o material disponível sobre o assunto escolhido. Eles despertavam a admiração da plateia pela quantidade de informações que conseguiam assimilar e reter.

Os assuntos variavam desde a vida das formigas e figuras ilustres até a Bíblia.

Quem se propõe a estes desafios já traz previamente dentro de si o hábito ininterrupto da busca por informações novas. Filmes como o atual sucesso Quem quer ser um milionário?, dirigido por Danny Boyle e distribuído por Fox Searchlight Pictures e por Europa Filmes, são o avesso da compulsão pela informação. Aqui, o que importa são a inteligência e a experiência de vida a serviço do poder mágico da sorte, que atuam em favor do personagem principal. Jamal está mais para adivinho, à maneira do Édipo grego que decifrou as perguntas da Esfinge para não ser devorado. O público vibra porque se identifica com a esperteza e coragem do Jamal anônimo, não com seu saber obsessivamente acumulado. Triunfo retumbante ou sarjeta.

### **A obsessão pelo conhecimento estimula a necessidade de mudança que existe em cada um de nós**

O que moveria a compulsão à informação? Como já foi dito neste artigo, o homem já nasce curioso. A criança explora avidamente seu mundo imediato e vai ampliando sua capacidade de

observação, à medida que se desenvolve. Enfia o dedo nas tomadas, leva os objetos à boca, move os olhos em todas as direções, acompanhando as luzes e ruídos do ambiente, extasiada com as primeiras informações que vão se acumulando dentro de sua mente. Um dos maiores discípulos de Freud, o brilhante húngaro Sándor Ferenczi, escreveu um pequeno trabalho em 1923 intitulado "O sonho do neném sábio". Nele, Ferenczi diz que os pacientes adultos frequentemente relatam sonhos nos quais crianças pequenas, e até bebês, são capazes de ensinar aos adultos com extrema erudição e locução perfeitas. O tema não é inédito, já que aparece em vários mitos, inclusive na história do próprio Jesus Cristo, em que ensinava aos sábios do templo. Ferenczi interpreta que estes sonhos representam o desejo da criança de ultrapassar os adultos em sabedoria e ciência, invertendo, assim, a posição de inferioridade. Um adulto que se sentiu humilhado na infância ou atualmente, também poderia desejar vingar-se dos que tivessem criticado suas palavras ou atos.

Em muitos casos a obsessão pela informação e pelo conhecimento representa um exercício de preparação para uma contenda verbal. Traços obsessivos são absolutamente necessários à nossa organização psíquica normal. Um dos grandes méritos de Sigmund Freud foi ter percebido que as patologias mentais fazem parte dos componentes no psiquismo normal de todos os indivíduos, em doses pequenas. Tudo que aprendemos passa a ser catalogado em compartimentos de nossa mente, como gavetas de um arquivo.

Algumas pessoas possuem o impulso irresistível de encher suas gavetas mentais até entupi-las de registros novos que não conseguem digerir. O colecionismo é a obsessão dos normais.

### **Os fascículos semanais tinham um efeito sobre o psiquismo: fazer que ele se imaginasse um imortal**

Afinal, o que quer o compulsivo por informação? Em primeiro lugar, aprender tudo, alimentar-se de conhecimento, saciar sua sede de saber. Em segundo, que este saber responda a todas as perguntas, como uma coleção de figurinhas que se completa, adquirindo os números faltantes. O problema é que, na realidade, sempre falta algo, porque o saber não é estático. Os compulsivos não se conformam com isso. Com o aumento gigantesco do acesso à informação, boa parte das pessoas liberou seu lado compulsivo adormecido.

### **Triunfo do novo homem**

A partir dos anos 1980, com a necessidade de competir num mercado superlotado, as novas gerações desenvolveram o hábito ou a capacidade de focar sua atenção em vários objetos simultaneamente, com prejuízo do rendimento shutterstock sobre cada um deles. A compulsão à informação colocou-se a serviço da corrida profissional. É o triunfo do novo homem, dos jovens sobre os velhos, da geração do computador sobre os ratos de biblioteca. Contudo, todo excesso tem seus efeitos colaterais. O limite extrapolado pode fugir ao alcance da organização mental. "É ilegal, imoral e engorda", já diziam Roberto e Erasmo Carlos. Os consultórios de profissionais de saúde mental recebem um número crescente de pacientes que, durante anos a fio, se submetem a um regime espartano de estudos. Vivem trancados em casa por exigência dos concursos públicos. É a promessa da garantia da emancipação, da liberdade, em troca da perda da própria liberdade. O resultado, muitas vezes, é o colapso mental pela obsessão de quebrar uma corrente de reprovações ao longo de anos. No caso, a compulsão pela informação obedece ao jugo de um severo interrogador.

Cada reprovação é um martírio que obedece exatamente à definição da compulsão: voltar ao começo, estudar tudo de novo, suportar a espera, pensar continuamente no assunto, dando voltas sobre o mesmo tema e culpando-se dia e noite. A culpa, no caso a de não saber, é um elemento presente no sistema compulsivo. Reparar uma falta. Vale lembrar o mito de Sísifo, paradigma da compulsão, condenado por Zeus a rolar uma grande pedra de mármore montanha acima. Castigado por suas artimanhas, toda vez que estava prestes a chegar ao topo, a pedra despencava, obrigando-o a um árduo recomeço. A enciclopédia virtual mais utilizada atualmente pelos compulsivos à informação, a Wikipédia, é feita com contribuições dos próprios internautas. Por este motivo, precisa ser revista sempre, obsessivamente, devido à maior possibilidade de erros em função da pletora ininterrupta de acréscimos.

A internet, esta grande feiticeira, é o centro das discussões sobre a escravização do homem à informação. O medo de sair de casa pode servir de pretexto para substituir a sexualidade, sublimando os desejos de corpos do mundo real, externo, pela regressão viciante com a máquina. Não há fantasia audiovisual que a web não satisfaça. Cada link remete a centenas de milhares de ilhas de saber,

enlouquecendo o pesquisador em busca da certeza definitiva, que nunca será encontrada. Ele pode imaginar o que quiser, manter contato com quem quiser, viajar para lugares nunca antes imaginados ou visitados, inclusive outros planetas, desde que aceite as regras da distância. Ou então realizar o desejo de encontrar o par ideal. "Você pode começar a namorar já", diz a propaganda dirigida aos solitários carentes.

Seria exagero compararmos alguém que, logo ao levantar da cama, já começa a alimentar-se de cores, sons e movimento no seu laptop de cabeceira? O usuário entra em contato simbiótico com o seio virtual, do mesmo modo que o bebê solicita sem limites de tempo a presença nutridora da mãe. Tal prática não é rara, e vai se tornando doença na classificação das adições às drogas, junto com as dependências químicas: ingestão de quantidades cada vez maiores, não se contentar com o que já tem, armazenando muito mais do que o necessário, substituição de uma vida útil pelo investimento de energia em tempo inútil, atitude passiva em relação às demandas responsáveis do mundo externo, abandono das atividades sociais. O mergulho na tela do computador poderia representar uma volta ao útero gratificante da mãe, de um feto em usufruto contínuo do espaço-tempo, sem os limites de horário e compromisso que a vida adulta impõe. As pessoas relatam que passam a não se dar conta da chegada da madrugada e do amanhecer à medida que se embrenham, sem solução de continuidade para suas vidas. O corpo físico dá lugar ao corpo virtual.

### **Eco de consciência**

A Como podemos combater nossas tendências à compulsão pela informação? O isolamento é sempre um aliado do nosso narcisismo. Faz que nos voltemos para nossas lembranças, nossas vivências passadas, nossos erros e recriminações. As informações devem ser compartilhadas. É preciso tolerar o convívio saudável dos comentários que nos acrescentem. O pensamento isolado raramente frutifica. As grandes bibliotecas são fascinantes em sua penumbra misteriosa, no silêncio quebrado pelo folhear das grandes obras. A intimidade com o computador o transforma em um amigo que responde a todas as nossas questões, mas que não nos questiona. Obedece mecanicamente às nossas ordens, como um eco de nossa consciência. Muitas respostas têm de brotar de nossa reflexão, em vez de virem prontas. Não somos imitadores nem papagaios dos grandes cientistas ou dos grandes filósofos.

Em A arte de escrever, o filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860) faz uma crítica aos que buscam a informação de forma compulsiva. "Em geral, estudantes e estudiosos de todos os tipos e de qualquer idade têm em mira apenas a informação, não a instrução. Sua honra é baseada no fato de terem informações sobre tudo, sobre todas as pedras, ou plantas, ou batalhas, ou experiências, sobre o resumo e o conjunto de todos os livros. Não ocorre a eles que a informação é um mero meio para a instrução, tendo pouco ou nenhum valor por si mesma. Diante da imponência de tais sabichões, às vezes digo para mim mesmo: Ah, essa pessoa deve ter pensado muito pouco para poder ter lido tanto!". Schopenhauer estava certo.

### **Filosofia e Psi**

Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão que refletia sobre a vontade humana e a representação. Para ele, a vontade não é racional, ou seja, está fora do nosso controle. Portanto, sofreríamos por não conseguirmos controlá-la. Nosso prazer, então, viria apenas da necessidade de superar, momentaneamente, esta dor. É a partir deste pensamento que Schopenhauer critica as pessoas que leem, de modo a se satisfazerem sem, de fato, gerir da leitura alguma informação

(\*) Sergio Cyrino da Costa é médico psiquiatra e psicanalista membro da federação Brasileira de Psicanálise (febrapsi) e da associação Psicanalítica do estado do Rio de Janeiro.